

LUX JORNAL

ESTADO DE MINAS
 BELO HORIZONTE - MG

PUBLICADO EM:

* 6 DEZ 1998

190-8097

MAXAKALI



o renascer de um povo

PATRICIA PEREIRA
 DE BERTÓPOLIS

Esta foi uma semana de júbilo para a Funai, indigenistas e, principalmente, os índios Maxakali. Eles comemoram o aumento do número de índios da tribo nas aldeias Pradinho e Água Boa, localizadas nos municípios de Santa Helena de Minas e Bertópolis, no Vale do Mucuri. O número de índios da etnia aumentou de 672, no último levantamento realizado pela Funai em 91, para 895. Na aldeia Pradinho, são agora 466 índios, e na Água Boa, o número chega a 429, o que representa uma taxa de crescimento de 33,18%. E o afastamento, ainda que frágil, da ameaça do fim de uma nação.

Hoje as duas aldeias registram 221 índios a mais do senso de oito anos atrás. Segundo a Funai, somente nos últimos dois anos,

nasceram 96 crianças, e, ainda, há dois recém-nascidos e mais seis índias, na aldeia Pradinho, que já mostram as barrigas de grávidas. A vida sexual nas aldeias Maxakali começa cedo, a partir dos 12 anos para as meninas. Aos 9 anos, elas já ficam "com vontade de casar", como contam os próprios índios. A recuperação de uma etnia para a perpetuação é sempre festejada, principalmente com relação aos Maxakali, que só se casam entre eles.

Drama

Apesar da boa notícia, nos últimos tempos os Maxakali têm passado por períodos difíceis. Nos meses de maio e junho deste ano, 10 crianças da tribo morreram em consequência de doenças como desidratação, desnutrição e diarreia. E isto assustou a tribo, pois em geral é um povo física-

mente bastante resistente. A taxa de mortalidade é maior entre as crianças de até 2 anos. Após essa idade, a maioria morre de velhice. O período de seca é o de maior índice de doenças. A estiagem deste ano castigou a região. Mas, apesar dos problemas com as doenças e a seca, os Maxakali prepararam o plantio de suas lavouras. Cultivaram o feijão, a mandioca e a batata.

A seca e o período de doenças passaram. Mas um outro problema, crônico, castiga os Maxakali: o alcoolismo. A cachaça foi introduzida na aldeia há cerca de 50 anos, pelo homem branco. Hoje, os índios bebem até álcool puro, desodorante e acetona. A auto-estima baixa, a perda da identidade, a desestruturação cultural, associada à questão da terra, são consideradas por antropólogos como causa certa do alcoolismo, considerado uma espécie de suicídio de uma raça.

Terra é motivo de uma declaração de guerra

A questão da terra é hoje o que mais aflige os Maxakali. O conceito de terra para o índio é diferente do que representa a terra para o homem branco. Para o índio, a terra é sagrada, assim com o rio e a mata. Nas terras onde vivem, e aguardam há anos pela decisão da Justiça pela retirada de 13 fazendeiros da área da reserva; a mata foi derrubada, grande parte da calhadão dos córregos passa na área dos fazendeiros, e um curral foi construído em cima do cemitério Maxakali. Apesar de todas as dificuldades, eles têm superado a perda da identidade, mas mostram que é grande a ansiedade para ver logo a terra de volta.

"Vamos esperar mais um pouco. Se fazendeiro não sair, vamos partir para a guerra". A declaração é de Zelito Maxakali, 28 anos, que desde criança ouve falar na saída dos fazendeiros da

área da reserva, nos municípios de Bertópolis e Santa Helena de Minas, no Vale do Mucuri. Em outubro, fizeram dois anos que a área foi homologada, mas o processo de retirada dos fazendeiros ficou esquecido em algum canto pelas autoridades.

Os fazendeiros não aceitam os valores da indenização que seria paga pelas benfeitorias de boa fé e a Justiça Federal negou a liminar impetrada pela Funai em abril, pedindo a imediata retirada dos fazendeiros da área. O processo é lento e está em fase de citação. Cabe à Justiça decidir se as indenizações, referentes a uma área total de 1.863 hectares, serão depositadas em juízo para que seja determinada a desocupação. Enquanto aguardam, em meio a dias de muita impaciência, os Maxakali vão sobrevivendo, diante da certeza de que dias melhores virão.



◉ AUMENTO das crianças traz alívio e resgata a identidade

Um pedido que mofa desde 87

Os índios Maxakali vivem ansiosos e não suportam mais esperar pela retirada dos fazendeiros da área da reserva. Os fazendeiros não se negam a sair, mas querem indenizações pelas benfeitorias. Uma carta Maxakali, enviada ao Ministro da Justiça em 1987, já mostrava a ansiedade em ter a terra de volta e ver a retirada dos fazendeiros. O curral de uma das fazendas foi construído em cima do cemitério Maxakali. Onze anos depois, a situação ainda persiste.

A íntegra da carta enviada ao Ministro, em 87, é a seguinte:

"Nossos antepassados e nossos parentes mais novos estão enterrados aqui. Nossos filhos e a maioria de nós não sabe o que é viver sem guerra, sem discriminação e violência!

Queremos a terra que é nossa por direito. Ela está molhada pelo sangue de nossos irmãos. Não é justo que seus corpos continuem pisados pelas patas dos bois. Queremos paz para fazer aldeias novas para casais jovens. Para fazer roças de onde tirar os produtos para fazer a religião. Precisamos do rio Umbaranas onde faremos de novo as pescarias sagradas!

E então, no terreiro da aldeia, faremos uma linda casa da religião. E vamos fincar o mastro Mimanã. E Topá virá anunciar para nós o futuro bom! E cantaremos noites e noites nossas velhas canções!

E cada homem, ao voltar para casa, saberá que na fogueira terá mandioca e batata cozinhando. E a mulher e os filhos felizes a sua espera".



INDIA MAXAKALI esbanja toda a plenitude da maternidade

LEONARDO MORAIS

Programa salva língua e a cultura indígena

A língua Maxakali está salva. O Programa de Implantação de Escolas Indígenas em Minas Gerais, implantado há cerca de três anos, vem dando aos sete professores da aldeia todas as diretrizes para o ensino da língua. O Programa faz parte um convênio entre a Secretaria de Estado da Educação, UFMG, IEF e Funai. Os participantes traçaram um diagnóstico da situação educacional indígena mineira.

Rafael Maxakali olha para o céu, procurando o Sol, e diz que a aula vai começar daqui a duas horas. Começa quatro horas depois, quando o Sol se esconde por um período e já não esquenta tanto a sala com telha de amianto. A nova escola vem sendo construída de acordo com o desenho proposto aos engenheiros pelos professores Maxakali, com aprovação de toda a comunidade.

As salas de aula não têm por-

tas nem janelas. Mesmo assim, eles se orgulham disso. Mostram-se satisfeitos com os prédios da escola que estão sendo construídos como as ocas, num ponto alto da área e formando círculos. "Aqui, vamos estudar sem calor", mostra o coordenador Rafael Maxakali, empolgado com a escola.

A maioria dos Maxakali, principalmente as mulheres, não fala o português. As crianças são alfabetizadas na língua Maxakali e só aprendem o português a partir dos 16 anos. Dos sete professores, dois ensinam a cultura Maxakali: música, religião, tradições e costumes. É dessa forma que eles esperam que seja mantida a etnia, enquanto vivem na expectativa de ter de volta mais uma parte de seu território. "Se criança não aprende, vamos esquecer o Maxakali", diz Rafael. Os Maxakali são a tribo que mais resiste à aculturação no Brasil.

Aliança une índios para o conflito

O alerta de alguns índios Maxakali de que a tribo partirá para a guerra caso as autoridades não decidam determinar a retirada dos fazendeiros da área indígena preocupado indigenistas. Representantes do Conselho Missionário Indigenista (Cimi) temem que os índios partam para violência, se continuarem a demora no processo de desintrusão da área. O pior é que os povos indígenas do Nordeste e de Estados do Sudeste que compõem a Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas e Espírito Santo, prometeram apoio aos Maxakali caso seja essa a última alternativa.

Preocupado com a questão, o Cimi apresentou uma denúncia à Anistia Internacional, sobre a questão dos Maxakali. Segundo o coordenador regional do Cimi-Leste, Luciano Marcos Pereira da Silva, o Centro Interamericano de Direitos Humanos também tem conhecimento da questão e prometeu apresentar denúncias na Organização dos Estados Americanos (OEA).

No próximo dia 10, um grupo de Maxakali estará em Belo Horizonte, numa mobilização que pede a imediata retirada dos fazendeiros. Outras manifestações ocorreram em abril, na ocasião das co-

memorações do Dia do Índio. Os Maxakali vão participar de uma solenidade na Assembleia Legislativa e tentam agendar uma audiência com o juiz da Justiça Federal. Segundo Luciano, o Cimi entrou com uma representação contra a Funai, que já tinha os recursos disponíveis para a ação de retirada dos fazendeiros da área. "Os recursos estavam disponibilizados no orçamento de 97, mas a informação agora, é que houve o corte", diz Luciano. O administrador regional da Funai em Governador Valadares, Wilton Madson Andrada, informa que os recursos estavam disponíveis realmente, mas o governo recolheu o dinheiro através de decreto.

A regional da Funai em Governador Valadares tenta agendar uma audiência pública na Assembleia Legislativa, com a presença do presidente da Funai, Sullivan Silvestre Oliveira, para a próxima semana. A preocupação da Funai é com a ansiedade dos Maxakali. "Sabemos que é penoso para eles. Explicamos que a justiça tem seu tempo, como aconteceu com os índios Krenak, e eles têm que esperar. Se partirem para um confronto, o mais prejudicado será o próprio índio", argumenta Andrada.